



Maiara e Yuri:  
"A floresta é  
um ambiente  
muito curioso"



Lucia (bióloga): Só vamos  
conseguir preservar as  
florestas quando entender  
o valor delas

# Exposição divulga biodiversidade da Amazônia com ciência e arte

“A gente só vai conseguir preservar as florestas quando entender o valor delas e de onde vieram as suas plantas”, salienta a bióloga Lúcia Lohmann, professora do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da USP, em vídeo da exposição *Amazônia: Os novos viajantes*.

**Coordenada por pesquisadora da USP e financiada pela Fapesp, a investigação busca origens do bioma em parceria com instituições dos EUA**

Em cartaz no Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE) até 29 de julho, com entrada gratuita, a mostra resulta do esforço de aproximar a Amazônia das pessoas e de mostrar a beleza de seu bioma. “Para isso, a gente buscou uma abordagem integrativa, que



Exposição no MuBE mostra a beleza da Amazônia em três módulos

alia ciência, arte e história”, explica Lúcia, que responde pela curadoria ao lado de Cauê Alves, do MuBE.

A exposição foi criada como parte do projeto de pesquisa Estruturação da Biotá Amazonia e seu Ambiente: Uma Abordagem Integrativa, desenvolvida desde 2012 com financiamento da Fapesp, da National Science Foundation (NSF) e da Nasa. “É uma parceria entre Brasil e EUA, com a participação do geólogo Paul Baker, da Universidade Duke, e que tem como finalidade a integração de informações genômicas (biológicas) e dados das Ciências Exatas, no caso a geologia, para que se possa entender como a Amazônia se formou nos últimos 30 milhões de anos. Queremos saber, por exemplo, quando surgiram os rios e as várias espécies de sua biodiversidade”, esclarece a bióloga.

De acordo com ela, a proposta da mostra ocorre naturalmente no início da pesquisa, em virtude da parceria. “Nos EUA existe a tradição de realização de exposições para a divulgação das pesquisas científicas, o que é uma prática importante, que queremos desenvolver aqui também”, informa.

A iniciativa ganhou no MuBE espaço ideal, pois a montagem de *Amazônia: Os novos viajantes* tornou-se marco do resgate da vocação original da instituição, criada em 1986, que se tornou centro cultural dedicado a iniciativas voltadas à ecologia, além das dedicadas à escultura.



Módulo histórico: Obras de viajantes

Para a montagem do projeto foi realizado um concurso vencido pelo premiado arquiteto Paulo Mendes da Rocha. O jardim, por sua vez, leva a assinatura de Roberto Burle Marx. “A segunda missão acabou se perdendo ao longo dos anos”, explica Cauê Alves, que assumiu a curadoria da instituição para a nova fase.

**Cenário abrangente** – Dividida em três módulos complementares, a exposição compõe um cenário abrangente da Amazônia. De acordo com os curadores, a ideia foi recuperar o olhar diversificado dos naturalistas do século 19, que não apresentava os limites entre arte e ciência impostos com a especialização no século seguinte.

No módulo histórico, portanto, destacam-se as obras dos alemães Carl Friedrich Philipp von Martius e Alexander von Humboldt, viajantes que desbravaram o território brasileiro para produzir mapas e investigar a fauna e a flora. Humboldt viajou pela Amazônia entre 1799 e 1804.

Martius chegou ao Brasil em 1817 e durante três anos percorreu 10 mil quilômetros catalogando e registrando espécimes vegetais. A litografia *Amazonenstrome* é um dos seus registros expostos, assim como mapas e outras obras deles e de artistas que viajaram pela região em várias épocas. Um exemplo é Flávio de Carvalho, que fez uma série de fotografias da floresta em 1958.



Módulo científico: Peças para coletar plantas

No módulo científico é possível assistir ao filme sobre expedição à Amazônia realizada em 2002 pela bióloga Lúcia Lohmann e sua equipe. Dela, além de outros biólogos, participaram a artista plástica portuguesa Gabriela Albergaria e o fotógrafo Léo Ramos. “A proposta deste núcleo é informar o público sobre como se dão os procedimentos científicos no trabalho de campo e depois dele”, destaca Lúcia. “A participação desses artistas naturalmente traz novas interpretações”, acrescenta.

No MuBE, o visitante pode ver peças do equipamento utilizado para a coleta de plantas, como tesoura de alta poda, binóculo, peçonha (para escalar árvores), lupas, roteiro e caderno de campo, e para o trabalho em laboratório. Em outra vitrine, artigos científicos representam a etapa final do processo de investigação. Segundo a bióloga, a pesquisa já resultou em mais 100 trabalhos publicados e, ao todo, serão 150, produzidos por uma equipe de 30 pesquisadores e 70 alunos de pós-graduação de várias instituições.

No último módulo, o artístico, foram reunidas obras de técnicas variadas, entre as quais estão as resultantes do próprio projeto, ou seja, aquelas concebidas por Gabriela Albergaria e pelo fotógrafo Léo Ramos Chaves a partir da expedição.

Junto a elas, pode-se observar peças de autores que também foram inspirados, em situações diversas, pela exuberância da natureza amazônica e pela preocupação ambiental. Há os volumes que lembram barcos de Marcone Moreira, o solo de *Nem tudo que reluz é ouro*, de Simone Fontana Reis, as fotografias de Luiz Braga e Cláudia Andujar e a obra sonora de Cildo Meireles, *Rio Oir*, com sons das águas, entre outras.

Na área externa são apresentados trabalhos voltados à conscientização sobre efeitos da destruição da floresta: há os troncos queimados em leito de areia vermelha, como chamas, com plantas que tentam brotar, de Fernando Limberger, e a *Green house*, uma estufa repleta de plantas de plástico, de Alberto Baraya.

Simone de Marco  
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

## SERVIÇO

**Exposição Amazônia: Os novos viajantes**  
MuBE – Rua Alemanha, 221  
Jardim Europa  
De terça-feira a domingo, das 10 às 18 horas  
Entrada franca